

A vida, a sociedade, a política e a cultura nos tempos de Dante Alighieri

Abstract: This paper depicts life, society, politics and culture in the times of Dante Alighieri. The focus was to briefly describe his life, his studies, his relationships to the literates of his time, his city and, in general, the historical environment in the end of the 13th century and beginning of the 14th century in Italy, especially in Florence.

Keywords: Dante Alighieri, Florence, literate life, politics, culture, 13th century and 14th century.

Resumo: O presente trabalho descreve a vida, a sociedade, a política e a cultura nos tempos de Dante Alighieri. O objetivo foi o de descrever sucintamente sua vida, seus estudos, suas relações com os literatos de seu tempo, sua cidade e, em geral, o momento histórico no qual se vivia no final do século XIII e começo do século XIV na Itália, mais especificamente, em Florença.

Palavras-chave: Dante Alighieri, Firenze, vida literária, política, cultura, séculos XIII e XIV.

Florença, um dia entre 14 de maio e 13 de junho¹ de 1265. Que momento histórico e cultural era aquele em que Dante nasceu? A partir, mais ou menos, do ano mil, podemos assistir na Itália, como na Europa, a uma crescente vitalidade das cidades que nos séculos anteriores tinham perdido sua importância como centros culturais e de gestão do poder. A população das cidades começava a crescer atraída pela revigorada atividade produtiva, sobretudo artesanal. É, de fato, nesse período, que começam as primeiras ampliações dos muros que cingiam a cidade de Florença. Isso para poder proteger um número sempre mais crescente de moradores. A cidade renovava-se também do ponto de vista arquitetônico e por volta de 1290 era considerada uma coisa normal que todas as estradas fossem lajeadas.

Se naquela época alguém olhasse Florença do alto teria se deparado com uma paisagem bastante peculiar. A cidade era repleta de torres, entre aquelas das igrejas e das casas das nobres famílias se conta-

vam 284². A numerosa presença das torres devia-se a dois motivos: por um lado respondia à vontade de embelezar a cidade e, por outro, representava um espécie de tácita disputa de poder entre os senhores das famílias mais abastadas: quanto maior a torre, maior a riqueza da família.

O piso nas casas mais humildes era de tijolos, enquanto que nas casas dos mais ricos era de plaquetas de barro ou de simples mosaico marmóreo. Para combater o frio que vinha das janelas abertas, usavam-se cortinas de tecido e quem podia usava aquelas de linho bordado ou com estampas coloridas. Estas eram vendidas ao público diretamente pelos artistas que as confeccionavam. A chaminé foi outro novo elemento que surgiu nesse período e a comida que os menos abastados comiam, pão com couve-flor e um pouco de azeite, diferenciava-se daquelas dos ricos, inclusive pelo número das refeições.

No primeiro andar das casas, ficavam as oficinas e as lojas dos comerciantes. Desde o amanhecer até a noite nas ruas, flutuava a enérgica vida popular. Muitas das profissões artesanais eram realizadas na rua, na frente das oficinas: as lojas abriam suas portas para a rua, que resultava em um verdadeiro prolongamento da atividade comercial, e a mercadoria estava exposta e literalmente à vista dos clientes.

À medida em que as atividades comerciais se desenvolviam, a nobreza tinha seu papel dominante diminuído e a gestão do poder passava para as mãos das novas camadas sociais que exaltavam os valores “burgueses” da iniciativa individual, da habilidade no enriquecimento e do sucesso pessoal.

Desde fins do século XI e princípio do XII muitas comunidades urbanas passaram a indicar seus próprios dirigentes. Nasciam as comunas ou cidades-Estado que, apesar de seu caráter novo, mantinham as exigências feudais da época, exigindo juramento de fidelidade dos novos cidadãos³.

A nova burguesia assumiu todo o poder político e econômico e se repartiu em *popolo grasso* (financeiros e ricos mercantes) e *popolo minuto* (artesões e negociantes) que, de forma democrática, se organizou nas diferentes corporações das *Arti* (corporações de comerciantes e de artesões).

Na Florença de 1293, para poder exercer qualquer atividade política, era obrigatório pertencer a uma das 21 *Arti* (com essa subdivisão a aristocracia era excluída do poder). O próprio Dante teve que se filiar à Corporação dos Boticários (“por um artifício legal, filósofos e literatos podiam ser aceitos pela referida corporação”⁴) para participar da vida política da cidade.

Nesses anos, Florença era uma das maiores e mais ricas cidades da Europa: há mais de um século uma livre cidade-estado, caracterizada por intensas atividades artesanais e de exportação, sobretudo no setor têxtil. Um *comune* que vivia também fortes conflitos internos, que se polarizavam ao redor de duas facções: os gibelinos e os guelfos. Isto é, o primeiro “apoiava a causa do sacro imperador romano como autoridade absoluta na Europa e outro se tornara o partido que apoiava o papado”⁵.

Neste momento, é importante lembrar que a idéia de que os monarcas e, de modo geral, os que detêm o poder político derivassem seu poder diretamente do Senhor, está presente na Bíblia, na carta de São Paulo aos romanos, na qual se explica que as autoridades superiores são ordenadas por Deus.

No decorrer da Idade Média, esta idéia foi interpretada como justificação para a dúplici autoridade política dos imperadores (*imperium*) e da autoridade espiritual dos papas (*sacerdotium*). Entretanto, nos séculos XI e XII, os papas deram uma diferente interpretação à relação entre *sacerdotium* e *imperium*, alegando que somente o primeiro era diretamente instituído por Deus, enquanto o poder do segundo podia ser garantido somente pelos próprios papas. Desta forma, o pontífice detinha, além do poder espiritual, o poder político que lhe permitia nomear os vários soberanos terrenos, transformando-se, desta forma, em um monarca universal que tinha o direito de constituí-los ou depô-los.

Voltando ao nosso trajeto, e buscando sintetizar ao máximo, entre o século XIII e o XIV, os territórios da Itália setentrional e central foram dilacerados por árduos conflitos políticos e militares entre os seguidores das duas facções, isto é, dos gibelinos, que queriam a distinção entre o poder temporal e o poder espiritual, e os guelfos, que apoiavam o poder absoluto do papa. Em geral, as grandes famílias apoiavam os gibelinos, enquanto as cidades ficavam ao lado dos guelfos. Esta divisão se refletiu também na geografia da península: os nobres da maior parte das cidades do Norte estavam ao lado dos gibelinos; aqueles das regiões centrais ao lado dos guelfos. Pisa, Verona e Arezzo eram fortalezas gibelinas, ao contrário de Bolonha, Milão e, sobretudo, Florença, que eram redutos guelfos. Em Florença, particularmente, a luta entre as facções desaguou em uma guerra civil que perdurou por mais de dez anos, até que, em 1266, os gibelinos foram exilados. Depois de terem vencido a guerra contra os gibelinos, os guelfos florentinos dividiram-se em brancos e negros: os brancos defendiam os interesses da pequena nobreza feudal e dos artesãos, enquanto os negros representavam a nova burguesia dos mercantes e dos banqueiros.

É nessa Florença que Dante Alighieri nasceu, uma cidade que finalmente vivenciava um processo de consolidação. Seguindo os costumes do tempo, foi batizado em cerimônia pública no dia 26 de março de 1266⁶, com o nome de Durante, nome este nunca usado pelo poeta.

Entre as muitas biografias escritas sobre o poeta, neste trabalho, baseei-me sobretudo na de Giovanni Boccaccio (1357-1359) e na de Giorgio Petrocchi (1993), mas antes de descrever os fatos que marcaram a vida do poeta acredito relevante fazer uma pequena digressão.

O homem da Idade Média enfrentava um mundo que ainda manifestava uma espécie de primitivismo. Uma natureza ainda muito hostil se abria fora das cidades, animais ferozes como ursos e lobos, que hoje povoam somente os nossos contos infantis, vagavam nos campos e eram caçados tanto para defesa quanto para servir de comida. Havia epidemias, carestias, mortes prematuras e uma perspectiva de vida bem mais curta, muito distante do anseio pela eternidade que se vive hoje em dia. A velhice começava muito cedo e esse mundo que se achava muito velho era na realidade dirigido por homens muito jovens⁷.

Junto com as violências de todo dia, essas catástrofes davam à existência uma sensação de perpétua precariedade. Esses homens viviam num mundo cujo desdobramento estava fora de seu controle, um mundo cujo tempo nem mesmo conseguiam medir: as ampulhetas eram objetos reservados a poucos. A imperfeição na medição das horas refletia uma certa indiferença em relação ao tempo. Não existia ainda o hábito de anotar, com precisão, nos registros cartoriais, nomes e sobrenomes, datas de nascimento ou de morte, nem de deixar marcado o dia de um acontecimento relevante:

Nos séculos X e XII muitas cartas ou notícias, cuja única razão de existir era a de anotar com precisão datas muito importantes, não levam nenhuma menção cronológica⁸.

Esta breve digressão esclarece porque existem ainda, nas biografias de Dante, divergências de datas e pontos obscuros sobre sua vida. Procurarei aqui cruzar os dados levantados dos dois biógrafos citados acima utilizando as informações de um e de outro segundo as necessidades. Voltemos agora às origens da família do poeta.

Tratava-se de uma família antiqüíssima, informação que encontramos na *Divina Comédia*⁹, cujo tataravô se chamava Cacciaguida, descrito como um nobre e sábio cavaleiro. Ele se casou com Aldighiera e tiveram dois filhos, Preitenito e Alighiero, esse último bisavô de Dante. Alighiero por sua vez teve dois filhos, Bello e Bellicione, avô do poeta. Bellicione é descrito como um rico homem de negócios, mercante de

terras e que mantinha estreitas relações com a nobreza florentina. O avô de Dante, que era guelfo, tinha sido envolvido em todos os graves acontecimentos da história da cidade e por duas vezes tinha conhecido o exílio, em 1248 e em 1264.

Bellicione teve muitos filhos e o primeiro deles foi Alighiero II, o pai de Dante, que então pertencia à pequena nobreza guelfa e detinha um certo bem-estar econômico devido às atividades mercantis e artesanais desenvolvidas na cidade. Casou com Bella e teve dois filhos: Dante e uma filha cujo nome não resulta em nenhuma das duas biografias. A mãe do poeta morreu antes de 1275 e Alighiero II casou-se pela segunda vez com Lapa Cialuffi, com a qual teve outros dois filhos: Francesco e Tana.

Depois da infância que, na época, como descreve Boccaccio, acabava aos sete anos de idade e entrando na puerícia, que durava até os quatorze anos, Dante se entregou totalmente ao estudo contínuo das *liberalis artes*¹⁰, as ciências do *trivio* (gramática, retórica e dialética) e do *quatrivio* (aritmética, geometria, música, astronomia). Boccaccio explica que o poeta não se dedicou ao estudo daquelas artes que ele define como *lucrative facultadi* (medicina e direito); parece que a polêmica entre os literatos de um lado e os juristas do outro vivesse naquela época momentos de muita tensão¹¹.

Os primeiros anos de sua educação foram guiados pela figura de um *doctores puerorum*, tendo como base principal o estudo da gramática nos textos de Cícero e Virgílio, como era de costume na época.

Sob os cuidados desses primeiros mestres, não estava incluído nenhum estudo da língua vulgar, mas o interesse por ela vinha de fora, dos ambientes da cidade e da família que percebiam a importância do uso dessa língua pelas muitas exigências sociais, e Dante foi também fortemente sensibilizado pela nascente poesia florentina.

A cultura francesa, antes que Dante começasse o estudo das línguas *d'oïl* e *d'oc*, permeava o ambiente que o jovem escritor freqüentava, através dos mercantes, e pelo eco da divulgação popular. Nos anos da adolescência e da juventude, Dante deu continuidade ao estudo da literatura clássica e manifestou também grande interesse pela literatura romança que circulava na Florença dos anos Setenta e Oitenta.

As boas condições econômicas dos Alighieri proporcionaram ao jovem poeta a troca com seus coetâneos de leituras, notícias sobre poetas e sobre línguas estrangeiras e impressões sobre os fatos mais relevantes da vida política e social de sua cidade.

Segundo Petrocchi¹², dois episódios marcaram profundamente a vida do poeta durante a adolescência. Em 1274 aconteceu seu primei-

ro encontro com Beatriz Portinari e, em 1277. Como era de praxe naquele tempo, a família de Dante assinou um acordo pré-nupcial com Gemma Donati, donzela pertencente a um ramo secundário da mais famosa família florentina da época.

Do primeiro encontro com a mulher que marcará a vida pessoal e a produção literária do poeta sabe-se, através do próprio Dante, em *Vita Nuova*, que aconteceu quando ele tinha nove anos¹³. Era costume em Florença que, no período da primavera, as famílias reunissem os próprios amigos para comemorar o mês de maio. Folco Portinari, descendente de uma nobre e rica família foi um personagem de grande relevo da cidade e, em maio de 1274, tinha reunido seus amigos e vizinhos e, entre eles, havia a família dos Alighieri. Na biografia escrita por Boccaccio, esse evento é narrado a partir do texto da *Vita Nuova*, descreve a troca de olhares e o profundo amor que desde o primeiro instante envolveu o coração de Dante pela jovem e elegantíssima donzela chamada pelo pai de Bice, Beatrice e que o levará a dedicar-lhe sonetos, canções, até chegar ao apogeu de sua exaltação na *Divina Comédia*.

Essa vida bastante tranqüila, serena e abastada foi repentinamente interrompida com a morte do pai, entre 1281 e 1282. Dante, já maior de idade e sendo o filho mais velho, teve que assumir a responsabilidade da família¹⁴.

Na vida do poeta, o entrelaçamento entre os acontecimentos públicos e particulares, familiares e literários é muito estreito, e não é nada fácil conseguir colocá-los na justa ordem. Mas este é o momento para mencionar o encontro de Dante com Brunetto Latini e Guido Cavalcanti, os personagens mais relevantes de sua vida intelectual na juventude. Para Dante, Brunetto Latini foi “um verdadeiro modelo”¹⁵, mostrou-lhe a importância do estudo da retórica¹⁶ e de quanto o empenho cultural tivesse também um valor político. Latini era um tabelião, engajado na vida política de Florença, dotado de uma rica cultura, tendo traduzido para o vulgar, em sua *Rettorica*, parte do *De inventione* de Cícero, e acrescentando-lhe um amplo comentário no qual afirma uma nova exigência de ordem, de clareza, e de comunicabilidade. Latini representa a figura do intelectual “civil”, que faz convergir sua produção literária com a existência individual e com a atividade política. Desta forma, “o homem instruído se reconhece pela forma como ele aplica seus conhecimentos ao fazer um julgamento e uma alegação moral sobre o mundo”¹⁷. É com esse conceito, de como o homem deixa um traço duradouro de si através de suas obras literárias, *come l'uom s'eterna*¹⁸ (*Inf.* XV, 85), que Dante lembrará de Latini na *Comédia*.

Cavalcanti, *primo de li miei amici*¹⁹, companheiro de experiências humanas e literárias, ocupou-se sobretudo de literatura em língua vulgar – por oposição à latina – e de filosofia. Casou-se com a filha de Farinata degli Uberti (que Dante encontrará no X canto do *Inferno*, junto ao pai de Guido, Cavalcante) e, afiliado aos brancos, participou ativamente dos conflitos entre as duas facções. Cavalcanti, juntamente com Dante, é considerado um dos grandes expoentes do *dolce stil novo*, o movimento literário que teve sua origem no sul da França, mais especificamente na Provença. Segundo Ferroni²⁰, é a partir da concepção francesa de amor cortês que, na Itália, no período entre 1280 e 1330, um grupo de escritores pertencentes à alta burguesia retomam os mitos e as temáticas dessa literatura, porém, modificando-os à luz da nova situação histórica. A este grupo pertenciam um poeta bolonhês, Guido Guinizzelli, e um pequeno número de florentinos, entre os quais estavam Guido Cavalcanti, Lapo Gianni, Cino da Pistoia e o próprio Dante.

Mais ou menos nesses mesmos anos, Dante frequenta a Universidade de Bolonha para aprofundar seus estudos. Nessa época, essa universidade era bastante renomada para quem quisesse aprofundar os estudos sobre a retórica e sobre o direito.

Segundo Le Goff²¹, o século XII é o século da grande reordenação do saber. Como vimos com Dante, o intelectual urbano que nasceu neste período torna-se um profissional que se integra no sistema das corporações. É a época em que surgem as primeiras universidades, que buscam sua independência do controle dos poderes eclesiásticos e dos poderes laicos locais e nacionais. São organizadas em faculdades (artes livres, medicina, direito romano e direito canônico, teologia), definem seus programas, ensinam segundo o novo método – a escolástica, que combina a autoridade com o raciocínio – e utilizam ao mesmo tempo a palavra e o livro. São instituições internacionais: mestres e discípulos deslocam-se de uma universidade para outra, escrevendo e comunicando-se em latim.

No século XIII, na Europa, existem universidades somente na Itália (a primeira em Bolonha, grande centro de estudos jurídicos; Nápoles; Pádua; Piacenza e outras de menor importância), na França (Paris, famosa pelo seu grande centro teológico, Orleans, Toulouse e Montpellier), na Inglaterra (Oxford e Cambridge) e na Espanha (Salamanca). Essas universidades conferiam os diplomas somente depois que os alunos tivessem superado os desafios das provas finais que os obrigavam a apresentar uma tese, defendê-la ou atacá-la, discutir-la, aprofundando sobretudo os argumentos contrários às da tese que era exposta.

Boccaccio relata que Dante ficou em Bolonha por um bom tempo e também foi para Paris e, segundo ele, a presença do poeta nessa última cidade deixou uma vívida lembrança nas memórias de quem pôde assistir às suas argumentações e discussões.

Retomando a trajetória político-social de Dante, é em 1280 que o poeta agregou-se à facção dos brancos, mantendo, porém, uma atitude moderada por ser contrário a um endurecimento do conflito entre as duas facções. Segundo Ferroni²², quando a luta entre os dois partidos entrou em uma fase crucial, com a exacerbação da relação entre o papa Bonifácio VIII e o governo da cidade de Florença (que estava nas mãos dos brancos), o poeta desempenhou um papel muito importante no governo municipal, na qualidade de um dos seis priores (a suprema magistratura da comuna) e, no período em que manteve esse cargo, provou sua grande imparcialidade e firmeza, deliberando a condenação do conflito entre os membros mais intransigentes das duas facções – entre os quais estava o grande amigo Guido Cavalcanti –, e destacou-se por colocar o bem-estar da cidade acima de qualquer outra questão.

Naqueles anos, a família cresce. Dante celebra, em 1285, o matrimônio com Gemma Donati e dois anos mais tarde nasce o primeiro filho. Não se pode afirmar com certeza o número exato de filhos que Dante teve, mas foram no mínimo três: Pietro, Jacopo e Antonia. Ainda se discute a possibilidade da existência de um quarto filho, Giovanni, como primogênito, presente em um documento cartorial de 1308, mas do qual, como diz Petrocchi²³, não se possui nenhuma outra notícia.

Com o agravamento da situação política em Florença, o governo do qual Dante fazia parte tomou a iniciativa de exilar os principais líderes das duas facções. Mas essa medida não foi executada imparcialmente, atingindo em proporções muito menores os brancos. Os negros, sentindo-se traídos, procuraram o apoio do papa, que não via com bons olhos o partido branco, já que em torno dele tinham-se agrupado alguns remanescentes dos gibelinos. No outono de 1301, eclodiu a luta armada: Bonifácio VIII pediu ajuda às forças militares francesas que, junto aos guelfos negros, invadiram e tomaram Florença. Quando tiveram início as hostilidades, Dante encontrava-se em Roma. Tinha sido enviado como embaixador na esperança de aplacar a ira do Pontífice, mas não obteve nenhum sucesso, tanto que em 27 de janeiro²⁴ de 1302 “os principais brancos, inclusive Dante, foram acusados de corrupção, obrigados ao pagamento de uma multa, exílio de dois anos e exclusão perpetua dos cargos públicos”²⁵. Não tendo atendido à convocação, o poeta foi oficialmente acusado de crime hediondo sendo por isso condenado à morte.

O poeta jamais voltaria a pôr os pés em sua Florença e morreria em Ravenna no dia 14 de setembro de 1321.

Na opinião de Ferroni²⁶, a cidade de Florença, as lutas que nela foram travadas, os protagonistas das mesmas e o encontro com Beatriz foram, sem dúvida, eventos muito marcantes para o poeta. Durante o exílio forçado, os aspectos políticos e a história traçada por eles se tornaram objeto de profundas reflexões sobre o homem, a sociedade e o destino.

Nesse trabalho procurei, mesmo que sucintamente, esboçar um panorama da vida, dos acontecimentos históricos, políticos e culturais de Dante e de sua cidade. Florença será onipresente na *Divina Comédia*, sendo quase uma protagonista secreta, como fulcro das reações sentimentais de Dante-personagem, ou metro de comparação das idéias e das atitudes de Dante-autor. Ainda segundo Ferroni, Florença representará, na *Divina Comédia*, o antimodelo por excelência, o paradigma da decadência contemporânea do poeta, o alvo constante das invectivas e rebeliões de Dante. A própria escolha de muitas personagens florentinas, sobretudo no *Inferno*, se por um lado alude à exemplaridade da cidade, por outro mostra como aquele fosse o seu público-alvo, também lingüisticamente. Cada encontro com uma personagem florentina é uma oportunidade para um polêmico reforço dos problemas políticos e morais que envolviam a cidade na época.

Nesse sentido, Curtius afirmava que:

Dante chama ao tribunal papas e imperadores de seu tempo; reis e prelados; estadistas, déspotas, generais; homens e mulheres da nobreza e da burguesia, das corporações e das escolas. [...] Artistas e poetas, filósofos e eremitas, todas as classes e condições estão representadas²⁷.

A vida pessoal, os estudos, a atividade política, os ambientes que o poeta freqüentou em sua vida fizeram com que suas obras refletissem seu tempo abordando temas ligados à sua concepção lingüística, à sua bagagem filosófica, atuando sempre como intermediador de cultura em favor do conhecimento, ou seja, desempenhando aquele papel de intelectual “civil” teorizado por Brunetto Latini.

Notas

1. Petrocchi, Giorgio. *Vita di Dante*, p. 9.
2. Davidsohn, Robert. *Firenze e l'Italia nel '200*, p.11.
3. Franco, Hilário Jr. *Dante o poeta do absoluto*, p.17.

4. Lewis, R. W. B. *Dante. Breves biografias*, p. 21.
5. Idem, p. 18.
6. *Paraíso XXV*, 8-9.
7. Bloch, Marc. *La società feudale*, pp. 90-93.
8. Idem. As traduções das citações presentes neste trabalho são de minha autoria.
9. *Inferno*, XV, 73-78; *Paraíso*, XV, 91-96, 130-148; XVI, 1-9, 34-35.
10. Boccaccio, Giovanni. *Vita di Dante*, p. 66.
11. Registros dessas tensões podem ser encontradas na *Divina Comédia, Paraíso*, XI, 4-5 “chi dietro a iura, e chi ad aforismi sengiva” (“quem corre atrás dos textos jurídicos e quem aos textos médicos”) e no *Convívio III*, XI, 10. “Né si dee chiamare vero filosofo colui che è amico di sapienza per utilidade si come sono li legisti, li medici e quase tutti li religiosi”. (“Nem se deve chamar de filósofo aquele que é amigo da sabedoria por utilidade como são os legistas, os médicos e quase todos os religiosos”).
12. Petrocchi, op. cit., p. 12.
13. *Vita Nuova*, II, 2.
14. Idem, p. 13-14.
15. Lewis, op., cit., p. 47.
16. Na sociedade comunal a administração pública pede uma participação direta do cidadão e as relações civis são determinadas através do correto uso da palavra dentro das instituições. Por causa disso, naquele tempo, dava-se um valor especial à arte da palavra, à retórica. As escolas de retórica desenvolviam um papel fundamental na formação dos representantes políticos e administrativos dos *comuni*.
17. “l’uomo colto si riconosce così nel modo in cui applica il suo sapere a un giudizio e a un intervento morale sul mondo”. Ferroni, Giulio. *Profilo storico della letteratura italiana*, p. 57.
18. “como o homem faz-se eterno”, p.112. Os trechos em português da *Divina Comédia* foram extraídos da tradução de Ítalo Eugenio Mauro.
19. Alighieri, Dante. *Vita Nuova*. Em *Tutte le opere*, p. 671.
20. Ferroni, op., cit., p. 78-84.
21. Le Goff, Jaques. *Il medioevo. Alle origini dell’identità europea*, p. 79.
22. Ferroni, op., cit., p. 95.
23. Petrocchi, op. cit., p. 17.
24. Ferroni, op., cit., p. 95.
25. Franco, op., cit., p. 32.
26. Ferroni, op., cit., p. 97.
27. Curtius, Ernst Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*, p. 383.

Referências

- Alighieri, Dante. *Tutte le opere*. Roma: Newton, 2005.
- Bloch, Marc. *La società feudale*. Turim: Einaudi, 2004.
- Boccaccio, Giovanni. *Vita di Dante*. Milão: Mondadori, 2002.

- Curtius, Ernst Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. Tradução de Teodoro Cabral com a colaboração de Paulo Rónai. Rio de Janeiro: INL, 1957.
- Davidsohn, Robert. "Firenze e l'Italia nel '200". In: *Dante nella critica*. Florença: La Nuova Italia, 1972.
- Di Salvo, Tommaso. *Dante nella critica*. Florença: La Nuova Italia, 1972.
- Ferroni, Giulio. *Profilo storico della letteratura italiana*. Milão: Einaudi Scuola, 1992.
- Franco, Hilário Jr. *Dante o poeta do absoluto*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
- Le Goff, Jacques. *L'Italia nello specchio del Medioevo*. Turim: Einaudi, 2000.
- _____. *Il Medioevo. Alle origini dell'identità europea*. Roma-Bari: Laterza, 2005.
- Lewis, Richard W. B. *Dante. Breves biografias*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- Petrocchi, Giorgio. *Vita di Dante*. Roma-Bari: Edizioni Laterza, 2004.